



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas

**Atena**
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-377-4 DOI 10.22533/at.ed.774190506 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Pensar nas discussões referentes ao ensino linguagem na escola significa criar as possibilidades de reflexão aos sujeitos em uma proposta interacional com as mudanças que ocorrem constantemente na sociedade.

A identidade deste livro caracteriza os trabalhos organizados como necessários ao processo de formação dos indivíduos. Sendo assim, nesta coletânea são apresentados quarenta estudos aos interlocutores atentos com as mudanças literárias, artísticas e sociais.

No primeiro capítulo, os autores compreendem as estratégias de incentivo à leitura de professores de Língua Portuguesa, de vários níveis da educação básica e com diferentes períodos de atuação. O segundo capítulo, por sua vez, discute e analisa o poema *Profundamente*, de Manuel Bandeira e o cotidiano que adquire significação simbólica no poeta. No terceiro capítulo, os autores identificam e estudam as danças e folguedos tradicionais brasileiros a partir da temática gênero.

A autora do quarto capítulo analisa a aprendizagem da escrita em português do sujeito surdo e as implicações na trajetória social. No quinto capítulo, o gênero textual Capa de CD é analisado pelos autores e no sexto capítulo o autor define discursivamente o conceito de gramática histórica, partindo da concepção clássica estabelecida por Ismael Coutinho com as abordagens de outros linguistas.

No sétimo trabalho, os autores discutem e refletem sobre as questões ortográficas no ensino do texto, perpassando por todas as etapas da feitura textual, além disso, analisam algumas produções. No oitavo capítulo, as autoras abordam a importância do professor na alfabetização das crianças de três a nove anos, sendo observada a necessidade do uso da fonética e fonologia no aprendizado do aprendiz. O autor do nono capítulo analisa a interação multilateral no ensino presencial mediado pela tecnologia do gênero discursivo digital videoconferência em aulas de linguagens para o ensino médio.

No décimo capítulo, os autores analisam a linguagem dos alunos em atividades de escrita colaborativa em um blog educacional para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa. No décimo primeiro capítulo, as autoras intencionam trazer pontos relevantes da história da educação e da escola como construção social, bem como pretendem lançar alguns olhares sobre a adolescência, etapa delicada na formação do sujeito. No décimo segundo capítulo, as autoras apresentam resultados parciais de uma pesquisa cuja finalidade parte da avaliação de uma unidade didática à luz dos gêneros textuais.

No décimo terceiro capítulo, a autora estabelece um diálogo entre a Análise do Discurso de linha francesa e o ensino de leitura de textos em língua materna. As autoras do décimo quarto capítulo analisam o vínculo intersemiótico de texto multimodal, em uma seção de leitura de um livro didático de Língua Portuguesa, dos anos finais do ensino fundamental. No décimo quinto capítulo, as autoras analisam as repercussões

que as avaliações externas apresentam na rotina da equipe pedagógica.

As autoras do décimo sexto capítulo compreendem o estabelecimento de um diálogo entre as mídias digitais e a formação do leitor. No décimo sétimo capítulo as autoras descrevem e analisam uma unidade didática do livro didático de Língua Estrangeira do Estado do Paraná para o ensino médio. No décimo oitavo capítulo o autor analisa as interações culturais entre cristãos e pagãos a partir do romance histórico *O Último Reino*, de Bernard Cornwell.

No décimo nono capítulo as autoras abordam o significado de nudez a partir de uma visualidade literária. No vigésimo capítulo, os dicionários monolíngues de aprendizes são o foco de análise e investigação. No vigésimo primeiro capítulo, os autores investigam a existência das figuras que desempenham tais papéis na obra *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Márquez.

No vigésimo segundo capítulo, os autores transitam entre definir e indefinir o conceito de espaço, ao mesmo tempo, que diferenciam de ambiente. No vigésimo terceiro capítulo são identificadas e analisadas algumas semelhanças e diferenças entre a obra literária *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. No vigésimo quarto capítulo a autora problematiza as danças de fanfarras, a partir de uma leitura crítico-reflexiva.

No vigésimo quinto capítulo é feita uma breve leitura analítica e interpretativa da narrativa do romance *Leite derramado*, de Chico Buarque. No vigésimo sexto capítulo uma análise de representações visuais é apresentada ao leitor. No vigésimo sétimo capítulo, os autores analisam, nos escritos montellianos, como se manifestam as identidades católica e protestante.

No vigésimo oitavo capítulo é apresentado um estudo sobre as estratégias de polidez linguística no discurso político de candidatos a prefeitos do município de Mocajuba. No vigésimo nono capítulo as autoras comungam de concepções discursivas advindas da Análise do Discurso e dos estudos culturalistas. No trigésimo capítulo, os autores problematizam o uso da internet a partir das habilidades de leitura e escrita.

No trigésimo primeiro capítulo, os autores relatam um projeto de extensão, com a função valorizar a cultura gaúcha, disseminado e promovendo-a entre a comunidade acadêmica. No trigésimo segundo capítulo, as autoras refletem sobre uma proposta de material didático pautada na observação dos usos da língua. No trigésimo terceiro capítulo, as autoras verificam a força das questões culturais, dos mitos, dos coloridos da mata em uma proposta interdisciplinar a partir de uma letra de canção.

No trigésimo quarto capítulo, a autora discute a temática letramento na concepção da aprendizagem semiótica. No trigésimo quinto capítulo a autora apresenta uma estratégia de aprendizagem de comprovado êxito em uma instituição escolar, localizada no município de Três Lagos – MS. No trigésimo sexto capítulo investigam-se as relações existentes entre a psicanálise e literatura, como o inconsciente desvela-se no discurso literário, tendo como *corpus* algumas obras literárias de Clarice Lispector.

No trigésimo sétimo capítulo, os autores discutem a formação da identidade

literária juvenil a partir de uma constituição poética. No trigésimo oitavo capítulo, a autora investiga através de trabalhos publicados como a ANPOLL promove um diálogo multicultural entre Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul. No trigésimo nono capítulo averigua-se o percurso da figuração do estrangeiro em dois romances e, por fim, no quadragésimo capítulo, os autores contribuem reflexivamente com o ensino de gêneros textuais na modalidade escrita nas aulas de língua estrangeira e, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo os autores associam o uso da plataforma Facebook em um processo dialógico destino aos alunos no contexto contemporâneo escolar.

Todos os autores ampliam as reflexões presentes nesta obra e revelam as razões de demonstrarem os conhecimentos aos interlocutores desta coletânea. Assim, esperamos que os leitores encontrem nos variados trabalhos os questionamentos capazes de problematizar outros e novos conhecimentos.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“ELES NÃO GOSTAM DE LER”: ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE INCENTIVO À LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Isabela Giacomini Laila Wilk Santos Lucas Arruda Tacla Theodora Rosskamp Kalbusch Rosana Mara Koerner	
DOI 10.22533/at.ed.7741905061	
CAPÍTULO 2	17
‘PROFUNDAMENTE’ EM MANUEL BANDEIRA: UM OLHAR INTERPRETATIVO	
Vitor Hugo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7741905062	
CAPÍTULO 3	28
“BRINCANDO DE SER MULHER”: UM ESTUDO SOBRE TRAVESTILIDADES NAS DANÇAS E FOLGUEDOS TRADICIONAIS BRASILEIROS	
José Roberto do Nascimento Junior Ana Cecília Vieira Soares	
DOI 10.22533/at.ed.7741905063	
CAPÍTULO 4	36
A APRENDIZAGEM DA ESCRITA E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA DO SUJEITO SURDO	
Miriam Maia de Araújo Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.7741905064	
CAPÍTULO 5	47
A FOTOGRAFIA COMO COMUNICAÇÃO, EXPRESSÃO E ARTE: UMA ANÁLISE DA CAPA DO CD CORAÇÃO DE JOHNNY HOOKER	
Renan da Silva Dalago Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.7741905065	
CAPÍTULO 6	57
A GRAMÁTICA HISTÓRICA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Adílio Junior de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7741905066	
CAPÍTULO 7	70
ORTOGRAFIA NO ENSINO DO TEXTO	
Ivan Vale de Sousa Maria Elizete Melo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7741905067	

CAPÍTULO 8	82
A IMPORTÂNCIA DA ARTICULAÇÃO DO PROFESSOR NA ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 3 A 9 ANOS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Letícia Saminez da Silva Jaina Milhomem Rezende Michelle Fonseca Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.7741905068	
CAPÍTULO 9	93
A INTERAÇÃO MULTILATERAL NO ENSINO DE LINGUAGENS MEDIADO PELA TECNOLOGIA DO GÊNERO DISCURSIVO DIGITAL VIDEOCONFERÊNCIA	
Naziozênio Antonio Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.7741905069	
CAPÍTULO 10	108
A LINGUAGEM DOS ALUNOS NA ESCRITA COLABORATIVA EM <i>BLOG</i> EDUCACIONAL PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Jaqueline Silva Santos Naziozênio Antonio Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.77419050610	
CAPÍTULO 11	124
ADOLESCÊNCIA E ESCOLA: ALGUNS OLHARES	
Maria Rute Depoi da Silva Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050611	
CAPÍTULO 12	132
ALFABETIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: UMA ABORDAGEM PELOS GÊNEROS TEXTUAIS	
Luci Piletti Niedermayer Carmen Teresinha Baumgartner	
DOI 10.22533/at.ed.77419050612	
CAPÍTULO 13	144
ANÁLISE DO DISCURSO E FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliana Alves Greco	
DOI 10.22533/at.ed.77419050613	
CAPÍTULO 14	151
APLICAÇÃO DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL NA ANÁLISE DE UM TEXTO MULTIMODAL	
Jeniffer Streb da Silva Noara Bolzan Martins	
DOI 10.22533/at.ed.77419050614	
CAPÍTULO 15	159
AS AVALIAÇÕES EXTERNAS E SUAS REPERCUSSÕES NA ROTINA DA EQUIPE PEDAGÓGICA	
Letícia Mendonça Lopes Ribeiro Priscila Adriana Silva Sacramento Janaína Arostilde Belmiro	
DOI 10.22533/at.ed.77419050615	

CAPÍTULO 16	172
AS CRIANÇAS DA ERA DAS MÍDIAS DIGITAIS E SUAS RELAÇÕES COM A LEITURA LITERÁRIA	
Francisca Rodrigues Lopes Elizangela Silva de Sousa Moura Liliane Rodrigues de Almeida Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.77419050616	
CAPÍTULO 17	182
AS FÁBULAS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES	
Eliana Santiago Gonçalves Edmundo Ana Paula de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.77419050617	
CAPÍTULO 18	199
AS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE VIKINGS E SAXÕES DO OESTE NA OBRA O ÚLTIMO REINO DE BERNARD CORNWELL	
Lucas Luiz Oliveira Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.77419050618	
CAPÍTULO 19	208
ATRAVÉS DE LINHAS E MANCHAS PULSAM AS SENSAÇÕES: A PINTURA DE LUCIAN FREUD E O DESNUDAMENTO DO SER	
Rochele Maria Borelli Bernadette Maria Panek	
DOI 10.22533/at.ed.77419050619	
CAPÍTULO 20	220
CAPACIDADES E LIMITAÇÕES DOS DICIONÁRIOS DE APRENDIZES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Laura Campos de Borba	
DOI 10.22533/at.ed.77419050620	
CAPÍTULO 21	236
“CEM ANOS DE SOLIDÃO”, DE GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ : A TEORIA DAS PERSONAGENS	
Matheus Luamm Santos Formiga Bispo Milena Menezes Santos	
DOI 10.22533/at.ed.77419050621	
CAPÍTULO 22	245
DA CONSTRUÇÃO À RECONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: O ESPAÇO CONFIDENCIAL EM <i>CABIDELIM</i> , <i>O DOCE MONSTRINHO</i> , DE SYLVIA ORTHOF	
Luciana Petroni Antikeira Chirzóstomo Wagner Corsino Enedino	
DOI 10.22533/at.ed.77419050622	
CAPÍTULO 23	255
DA LITERATURA PARA O CINEMA: A ADAPTAÇÃO DA OBRA A HORA DA ESTRELA	
Ray da Silva Santos Débora Wagner Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050623	

CAPÍTULO 24	270
DANÇAS DE FANFARRAS: UMA LEITURA CRÍTICA	
Erika Kraychete Alves	
DOI 10.22533/at.ed.77419050624	
CAPÍTULO 25	274
DECADÊNCIA E MEMÓRIA EM LEITE DERRAMADO, CHICO BUARQUE	
Dulce Maurilia Ribeiro Borges	
DOI 10.22533/at.ed.77419050625	
CAPÍTULO 26	287
DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES MULTIMODAIS DO MOVIMENTO “PANELAÇO” NO CONTEXTO POLÍTICO DO BRASIL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Eni Abadia Batista	
DOI 10.22533/at.ed.77419050626	
CAPÍTULO 27	304
ENTRE A FÉ E OS CONFLITOS: AS FACES DA IDENTIDADE CRISTÃ EM OS DEGRAUS DO PARAÍSO, DE JOSUÉ MONTELLO	
Thiago Victor Araújo dos Santos Nogueira	
Paloma Veras Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.77419050627	
CAPÍTULO 28	317
ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ LINGUÍSTICA NO DISCURSO POLÍTICO DE CANDIDATOS A PREFEITOS DO MUNICÍPIO DE MOCAJUBA-PA	
Elber José Alves Corrêa	
Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.77419050628	
CAPÍTULO 29	328
ÍNDIO SURDO E EDUCAÇÃO BÁSICA EM SUAS (DES)IDENTIFICAÇÕES: UM ESTUDO DE CASO	
Michelle Sousa Mussato	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.77419050629	
CAPÍTULO 30	343
INTERNET, LEITURA E ESCRITA:UM DESAFIO MEDIADO PELO PROFESSOR DE LÍNGUA ADICIONAL	
Daiane Ventorini Pohlmann Michelotti	
Virginia Ponche Barbosa	
Alessandro Carvalho Bica	
DOI 10.22533/at.ed.77419050630	

CAPÍTULO 31	352
INVERNADA ARTÍSTICA CHÃO BATIDO – CULTIVANDO A TRADIÇÃO GAÚCHA: UM PROJETO DE EXTENSÃO REALIZADO EM 2016	
<p>Ana Paula Palharini Daniel Verbes Padilha Deise Pieniz Casagrande Maico Mantovani Tolfo Mylla Keenan Acosta Maiara Bertl</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050631	
CAPÍTULO 32	356
LEITURA E PRODUÇÃO DE SENTIDO NA INTERFACE DOS GÊNEROS DIGITAIS E DA MULTIMODALIDADE	
<p>Nágida Maria da Silva Paiva Iara Ferreira de Melo Martins Ana Cláudia Soares Pinto</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050632	
CAPÍTULO 33	369
LETRA DA CANÇÃO: “SAGA DA AMAZÔNIA”: UM OLHAR INTERDISCIPLINAR	
<p>Márcia Antonia Guedes Molina Valéria Angélica Ribeiro Arauz</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050633	
CAPÍTULO 34	382
LETRAMENTOS E APRENDIZAGEM SEMIÓTICA: POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS NA ESCOLA	
<p>Áurea Maria Brandão Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050634	
CAPÍTULO 35	392
LITERATURA E OUTRAS ARTES: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES	
<p>Vitória Regina Xavier da Silva</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050635	
CAPÍTULO 36	406
LITERATURA E PSICANÁLISE: A PRESENÇA DO INCONSCIENTE NA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR	
<p>Ray da Silva Santos Sara Goretti Ferreira Daiane Menezes Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050636	
CAPÍTULO 37	419
LITERATURA JUVENIL E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE EM “ <i>CECÍLIA QUE AMAVA FERNANDO</i> ”: CONHECENDO A SI ATRAVÉS DO OUTRO	
<p>Eliene da Silva Dias Diógenes Buenos Aires Sandra Helena Andrade de Oliveira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050637	

CAPÍTULO 38	431
MAPA DE INSTITUIÇÕES LINGUÍSTICO-LITERÁRIAS NA REVISTA DA ANPOLL	
Mariana Argolo Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050638	
CAPÍTULO 39	443
MAPAS DO ENCONTRO ENTRE O PRÓPRIO E O ALHEIO – CARTOGRAFIAS DA ALTERIDADE NA NARRATIVA DE ADRIANA LISBOA E ANA MIRANDA	
Aina de Oliveira Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.77419050639	
CAPÍTULO 40	456
MATERIAIS DE PRODUÇÃO ESCRITA NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA – ELE A ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	
Carlos Eduardo da Silva	
Cristina Corral Esteve	
DOI 10.22533/at.ed.77419050640	
CAPÍTULO 41	468
AS FACETAS DA CONTEMPORANEIDADE. O DIALOGISMO DIGITAL PARA OS ALUNOS: O FACEBOOK E A POESIA VIRAL	
Regimário Costa Moura	
Ana Cristina dos Santos	
Raquel Araújo Luna	
Rideusa Caroline Correia do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.77419050641	
SOBRE O ORGANIZADOR	476

“BRINCANDO DE SER MULHER”: UM ESTUDO SOBRE TRAVESTILIDADES NAS DANÇAS E FOLGUEDOS TRADICIONAIS BRASILEIROS

José Roberto do Nascimento Junior

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE,
Programa de Pós-graduação em Antropologia,
Recife – PE

Ana Cecília Vieira Soares

Faculdade Escrivor Osman Lins
Vitória de Santo Antão – PE

RESUMO: Nas danças tradicionais brasileiras, podemos constatar várias ocasiões em que a participação feminina tem sido restrita a algumas situações. Nestes casos, tem ficado a cargo de homens desempenharem tal função e, em ambientes sexistas, será comum encontrar “homens travestidos de mulher para dançar” dentro da cultura popular. O objetivo deste estudo foi identificar razões pelas quais as mulheres têm sua presença diminuída ou anulada nestas manifestações. Como metodologia, foi realizado um levantamento bibliográfico a respeito de brincadeiras populares sejam com a temática gênero ou não. Foram analisados trabalhos sobre a Dança dos Mascarados, Poconé – MT; Cambindas, Lucena e Taperóia – PB; Maracatu rural e Cavalo-Marinho, Zona da Mata Norte – PE; Bumba-meu-boi, Maranhão; Maracatu, CE; Maracatu Nação – PE; e Dança de São Gonçalo do Amarante – SE. Nestes estudos, encontrei as argumentações que justificam os homens se “(trans-) vestirem” para dançar.

Constatei exemplos de danças tradicionais brasileiras, categorizando-as em cinco grupos principais: as brincadeiras para ‘cabra-macho’, as brincadeiras para “corpos imorais”, as brincadeiras de força e vigor, as brincadeiras para “corpos puros” e as brincadeiras de fazer-se rir. Aspectos importantes foram constatados na pesquisa. Primeiro, as falas as justificativas para diminuição ou anulação da presença feminina parte sempre de um local de fala e de pontos de vista dos próprios brincadores homens, o que reforça a dominação masculina dentro das manifestações da cultura popular. Além disso, um homem travestido pode ratificar uma violência simbólica e criar contra a mulher uma imagem pejorativa e *caricaturada* de feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Brincadeiras Populares. Dança. Travestilidades.

Em variados contextos da história da arte e da dança, podemos identificar uma certa dificuldade para as mulheres representarem alguns dos papéis femininos. Quando pensamos nas danças tradicionais brasileiras, podemos constatar que em várias de suas manifestações, a participação feminina tem sido restrita em algumas situações. Nestes casos, tem ficado a cargo de homens desempenharem tal função e, em ambientes um tanto quanto

sexistas, será comum encontrar “homens travestidos de mulher para dança” dentro da cultura popular. Os participantes, “brincando de ser mulher”, fazem surgir, assim, possibilidades múltiplas da instauração das travestilidades.

Para entender este fenômeno, busquei encontrar as razões pelas quais as mulheres não têm ocupado alguns daqueles espaços. Analisando diversos estudos sobre folguedos tradicionais, encontrei em relatos de autores e brincantes pesquisados por eles, as argumentações que justificam os homens se “(trans-) vestirem” para dançar. É importante mencionar que optei neste trabalho pelo entendimento das danças e folguedos tradicionais como *brincadeiras* e a utilização deste termo no sentido de uma forma de diversão para os participantes.

Constatee exemplos em algumas danças tradicionais brasileiras, tais como o cavalo-marinho e o maracatu rural em Pernambuco; o bumba-meu-boi do Maranhão; a dança dos mascarados de Poconé, no Mato Grosso; o maracatu cearense; e a dança das Cambindas, da Paraíba. Para efeito de estudo, organizei as informações e as justificativas encontradas, categorizando-as em torno de cinco grupos principais:

- a. Brincadeiras para *cabra-macho*, sobre o patriarcalismo na organização de folguedos, separando brincadeira de homem e de mulher;
- b. As brincadeiras para corpos imorais, ou seja, as mulheres deveriam ficar de fora para preservar a honra e a moral femininas;
- c. As brincadeiras de força e vigor, que tratam de uma diferença entre a resistência física do corpo feminino e do masculino;
- d. As brincadeiras para corpos puros, o ciclo menstrual das mulheres é visto como um aspecto que as impediria de participar das manifestações;
- e. As brincadeiras de fazer-se rir, que destacam as travestilidades em seu elemento cômico.

1 | BRINCADEIRAS PARA CABRA-MACHO

A primeira causa da diminuição da participação das mulheres em alguns contextos seria possivelmente o fato de que muitas brincadeiras populares foram (e ainda são) realizadas dentro de contextos extremamente machistas ou em organizações sociais de modelo patriarcal, nas quais várias esposas e filhas são proibidas de tomar parte do folguedo pelos brincadores homens. Cria-se um modelo que estimula um pensamento de que existissem “coisas para homens”, as brincadeiras *para cabra-macho*, e “coisas de mulher”.

Durante muito tempo no Cavalo-marinho, importante manifestação cultural pernambucana, realizada especialmente nas cidades da Zona da Mata Norte do estado, por exemplo, as mulheres muitas vezes não eram permitidas a tomar parte da brincadeira por seus familiares (pais ou maridos) e sofriam uma certa “censura social” advinda de seus vizinhos. Sendo assim, a sua participação acabava sendo prejudicada.

Estas proibições podem ser advindas da própria família, porém muitas vezes, são os mestres, as lideranças do folgado, que decretam a exclusão da mulher em algumas situações. Eles, considerados os donos da festa, os responsáveis pelas brincadeiras, muitas vezes inibem a presença feminina e não lhes concede autorização de participar da brincadeira.

Torna-se assim um tanto quanto complicado ser uma brincante mulher. A presença feminina pode estar subordinada a uma figura masculina dominante. No Maranhão, “tradicionalmente, a participação das mulheres no bumba-meu-boi era restrita à posição de acompanhantes dos homens personagens da ‘brincadeira’ durante as apresentações”, (ALBERNAZ, 2006, p. 2), ou seja, a participação feminina deveria ser regulada pelos brincantes homens os quais elas acompanhariam.

“Este discurso alimentou durante muito tempo uma posição da mulher como possuidora de uma feminilidade, que reproduzia o mundo do privado, do doméstico” (SILVA, 2016, p.111), e pode ser entendido como separatista entre os gêneros. Para justificar a falta de mulheres nos grupos, uma vez que só participavam homens e havia uma “tradição” de ter homens travestidos de rainha e outros personagens femininos, no maracatu cearense, um dos mestres afirma: “Era *pra* ser daquele jeito mesmo, as mulheres brincavam nos blocos delas, nos das moças. Aí a gente se vestia de baianas...” (SILVA, 2004, p.63).

Fica clara nesta fala, proferida por um homem, a distinção entre o que era masculino e o que era feminino, o que deveria ser brincadeira “das moças” e o que não devia. Este sectarismo das atividades em relação aos gêneros fica evidente também no maracatu rural pernambucano. Este folgado é reconhecidamente masculinizado e excludente da participação feminina, considerado por seus participantes como “uma brincadeira de cabra-macho”. De acordo com Silva (2016):

O maracatu rural, que historicamente surge do trabalho braçal dos homens na lavoura da cana-de-açúcar, absorveu todas as atribuições do gênero construídas historicamente, posicionando o homem como foco de dominação em relação à mulher. Neste sentido, a ordenação da prática social com base no pensamento masculino é para o maracatu rural característica fundamental, pois as brigas entre os homens são consideradas um importante aspecto (SILVA, 2016, p.107).

Muitas vezes, os mestres sequer querem se estender na argumentação, pois, as brincadeiras são danças exclusivas para homens, em que mulheres não podiam brincar, exatamente porque “sempre foi assim”, esta é a “tradição”.

2 | BRINCADEIRAS PARA CORPOS IMORAIS

Dentro de certos contextos sociais, exige-se da mulher um padrão de recato e fragilidade que não condiz com a sua participação em brincadeiras populares, segundo os brincantes homens, “um mundo masculino”. Um ambiente, em que impera a masculinidade, certamente haverá brigas, haverá bebidas alcoólicas, conversas,

entre outros elementos que não dizem respeito a valores morais femininos. No Cavalo-marinho pernambucano, típico folguedo da zona canavieira do estado, os senhores de engenho [de forma a protegê-las moralmente deste tipo de brincadeira] (ACSELRAD, 2013, p.74), preferiam que as mulheres ficassem dentro da casa-grande e não participassem da brincadeira.

Em folguedo encontrado em vários estados brasileiros e muito presente em Sergipe, por exemplo, a Dança de São Gonçalo do Amarante, existe um momento da brincadeira em que há uma encenação dançada na qual um homem representa a figura do santo junto a um grupo de mulheres as quais representam prostitutas. Durante muito tempo, foi comum nesta brincadeira que aquelas prostitutas fossem interpretadas por homens travestidos, uma vez que não seria decente, segundo os brincantes homens, as mulheres e moças do grupo tivessem que assumir o papel de uma “mulher da vida”, o que atentaria para a moral feminina.

3 | BRINCADEIRAS DE FORÇA E VIGOR

Para justificar a ausência das mulheres nas brincadeiras populares, existe um pensamento sobre uma inabilidade feminina. Acredita-se existir uma capacidade física menor do corpo da mulher em relação ao do homem ao desempenhar as danças. No maracatu cearense, por exemplo, existe uma argumentação acerca de uma condição do corpo feminino não estar fisicamente apto à realização das brincadeiras, o que na verdade esconde um machismo exacerbado. De acordo com Silva (2004):

Os brincantes têm suas próprias explicações para esse fato; muitos o associam à fragilidade da mulher, não tendo ela resistência física para vestir as pesadas roupas dos maracatus. [...] Quando o maracatu começou a desfilar pelas ruas de Fortaleza, suas roupas eram simples, fantasias leves a base de renda. O machismo e a própria condição social feminina (década de 30, Nordeste) foram fatores que contribuíram para a exclusão das mulheres. (SILVA, 2004, p.63)

A dança dos Mascarados de Poconé, manifestação típica do estado de Mato Grosso, é realizada em pares e existem dois tipos de personagens: os galantes (masculinos) e as damas (femininos). No entanto, apenas homens podem participar da brincadeira. Uma das explicações seria a ideia de que a mulher não tem a mesma habilidade física do homem. Segundo os próprios participantes, as “mulheres trazem azar para o grupo e relatam a incompatibilidade de gêneros, pelo fato da dança ser longa exigindo dos participantes resistências físicas, tempo e disposição para ensaios, não seria possível a realização da dança pelas mulheres” (AMARAL, 2015, p.36).

Ainda sobre este corpo feminino inferiorizado, é possível ainda pensar que ele muitas vezes é considerado frágil, e, assim, uma dicotomia é estabelecida: MASCULINO – força e virilidade X FEMININO – graça e delicadeza, isto é, jamais uma mulher poderia participar algo que lhe demandasse vigor físico. Em seus estudos sobre cultura popular, Roberto Benjamim (1989), ao falar sobre o maracatu, outra importante

manifestação cultural pernambucana, afirma que “as mulheres eram excluídas com a justificativa de que o folguedo era muito violento por causa das competições, que se transformavam em brigas” (BENJAMIN, 1989, p. 41-42).

Essa “inferiorização” do feminino em detrimento ao masculino dominante é arbitrária. Como justificar que as mulheres são menos capazes? Identifico aqui a construção de uma violência simbólica para com as mulheres. Criada apenas por convenção, sem explicações mais lógicas, esta forma de violência é facilmente aceita, em uma espécie de naturalização. Sendo assim, a diferença biológica e anatômica entre os sexos, entre o corpo masculino e o corpo feminino pode ser vista por si “como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros” (BOURDIER, 2002 p. 16), isto é, o fato de ser mulher já torna aquele corpo menos apto, o que acaba por construir uma dominação masculina.

4 | BRINCADEIRAS PARA “CORPOS PUROS”

A quarta causa da exclusão feminina nas brincadeiras populares tem a ver também com a questão física, mas desta vez sobre uma característica específica da fisiologia da mulher: a menstruação. A travestilidade em muitos folguedos é justificada pelo fato de que homens não passam pelo “período do mês onde as energias da mulher não são boas”, referência ao período menstrual das mulheres, em que elas se tornam *impuro*. “Há uma relação simbólica entre as atitudes da mulher e sua condição biológica, reforçando valores que a sociedade considera importantes para manter o gênero sob a lógica dicotômica” (SILVA, 2016, p. 114).

5 | BRINCADEIRAS PARA SE FAZER RIR

Finalmente, entre as razões identificadas, chegamos ao teor cômico que uma travestilidade pode assumir. Muitos consideram um homem vestido de mulher como um deboche, essencial para a realização da manifestação popular. Concordo com Silva (2016, p. 138), quando nos fala sobre a existência de uma “feminilidade cômica” que configura uma “travestilidade paródica” nas brincadeiras populares. Na brincadeira do Cavalo Marinho, por exemplo, os personagens são chamados de *figuras*. Os papéis femininos considerados engraçados, como a Catirina e a Veia do Bambu, são encenados exclusivamente por homens, não havendo participação feminina neste caso. “Uma mulher representando essas figuras seria, segundo os brincadores homens, poderia esconder a comicidade que existe na Véia e Catirina e conseqüentemente no folguedo” (SOUZA, 2013, p.127).

Segundo Acselrad (2013), os homens que representam a Veia do Bambu “gostam de explorar a graça de se fingir de mulher e tudo o que isso proporciona pelo fato de serem homens” (ACSELRAD, 2013, p. 140). No maracatu rural, segundo

muitos brincadores da Região de Nazaré da Mata, em Pernambuco, os homens devem sempre representar o personagem *Catita*, pois, pelo fato de não serem mulheres de verdade, eles tornariam a representação engraçada.

6 | PERMISSÃO PARA BRINCAR, VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E ESPAÇOS DE COABITAÇÃO

Obviamente as coisas têm se modificado e a presença das mulheres já é observada nas brincadeiras populares. A maioria dos grupos, porém, ao longo do tempo têm liberado a participação dela nas manifestações em algumas funções. No entanto, mesmo quando ocupam algum espaço ou participam da brincadeira, elas ainda precisam de uma autorização/legitimação masculina, “pois, mesmo sendo uma conquista de espaço e legitimação do elemento feminino na brincadeira, ainda assim foi necessária uma autorização negociada com os donos e mestres de alguns grupos” (SOUZA, 2013, p. 127). Esta inclusão feminina pode ser considerada ainda parcialmente bem-sucedida, pois ainda são os brincadores homens que detêm o status de poder. Às mulheres são conferidas algumas concessões, porém existem ressalvas. No Maranhão, por exemplo, “os homens detêm grande parte do controle do conhecimento e da organização do grupo, de tomada de decisões, e dos retornos financeiros e sua distribuição” (ALBERNAZ, 2006, p. 2).

Em alguns grupos de maracatu no Ceará, as mulheres já participam da brincadeira, porém ainda com algumas restrições em relação ao que podem ou não interpretar no desfile, não podendo participar da bateria, por exemplo. O mesmo pode ser evidenciado no Cavalo Marinho em Pernambuco, onde mulheres já são “autorizadas” pelos homens, mas elas podem comprometer aspectos importantes do folguedo, como a comicidade. Os brincantes homens “aceitam a conquista dessas mulheres em participarem do folguedo, mas atuar com elas em cenas como a da Véia, por exemplo, comprometeria a graça da brincadeira” (SOUZA, 2013, p. 127). No entanto, é necessário entender que esta aceitação da presença feminina, ainda que bastante grande atualmente, causa um impacto na maioria das brincadeiras. Em muitas manifestações, os brincantes mais conservadores ainda acreditam existir uma “tradição”, ou seja, as travestilidades são “um sinal de tradicionalismo do grupo e de antiguidade do folguedo” (BENJAMIM, 1989, p. 42).

Faz parte da organização dos folguedos os homens desempenharem os papéis femininos e uma alteração nesta sistemática poderia comprometer tal “tradição”. É importante destacar que este verbete pode assumir diferentes sentidos e, para estes brincantes, *tradição* poderia ser entendida como a repetição dos modelos das brincadeiras sem qualquer modificação de seus elementos e qualquer fazer distinto (como a inclusão de mulheres) poderia tornar a “tradição” menos tradicional. Albernaz (2006), entretanto, afirma que mesmo dentro de uma “manifestação percebida como

tradicional, porque tem uma longa permanência no tempo com uma reprodução de conteúdos semelhantes” (ALBERNAZ, 2006, p. 1), podem ser permitidas “mudanças, resultantes de disputas e negociações entres vários agentes”, sem que se perca a *tradicionalidade* do folguedo.

Dois aspectos importantes precisam ainda ser levados em consideração. Primeiro, a maioria da argumentação em relação a tudo aqui descrito parte sempre de um local de fala e de pontos de vista dos próprios brincadores homens. Seus discursos reforçam a dominação masculina dentro das manifestações da cultura popular. Além disso, um homem vestido de mulher pode ratificar a violência simbólica já aqui citada e criar contra a mulher uma imagem pejorativa e *caricaturada* de feminino. Desta forma, são reforçados preconceitos em “situações que o machismo tipifica como humilhante e ridículo o papel social da mulher” (BENJAMIN, 1989, p. 42).

No Carnaval, por exemplo, é comum que os homens estejam nas ruas travestidos de mulher, sobretudo aqueles que se identificam como heterossexuais. No Brasil todo, podemos encontrar este tipo de “brincadeira” em que os próprios nomes dos blocos carnavalescos demonstram uma travestilidade que expõe a figura da mulher a uma marginalização social. Para citar, em Pernambuco, temos os grupos carnavalescos as *Virgens do Bairro Novo*, *Virgens de Verdade*, *Catraias Baianas*; no Piauí, os blocos *Curupembas* e *Raparigas*; *Bloco das Piranhas*, no Tocantins. Tem-se a impressão de que a mulher representada por homens travestidos é percebida por eles sempre como algo relacionado ao sexo, ao corpo feminino como objeto do desejo masculino, haja vista o uso dos termos “catraia”, “rapariga” e “piranha” que na linguagem coloquial são sinônimos de “prostituta”, bem como a palavra “virgem”, outro estigma feminino. “Esta brincadeira de ser mulher” acaba se tornando um pouco menos divertida, pelo menos para as mulheres.

Nesta reflexão, pude verificar que o universo das danças populares é um habitat favorável ao desenvolvimento das travestilidades e que “homens vestidos para dançar brincando de ser mulher” é algo recorrente naquelas manifestações. No entanto, precisamos atentar para o fato de que elas se configuram de maneiras diferentes. Muitos brincadores são homens heterossexuais que defendem a “tradição do seu brinquedo” através desta travestilidade.

Por outro lado, existem homossexuais, que pouco a pouco têm sido aceitos e vão sendo incorporados aos folguedos, uma vez que é preferível tê-los a permitir a presença das mulheres. Permitir o acesso de homens gays na brincadeira, porém, não pode ser considerada como a diminuição da dominação masculina. A inserção de homossexuais no maracatu rural, por exemplo, “representa uma forma de masculinidade presente na vida social e o homossexual também é situado na estrutura social como um elemento que compõe a ordenação da vida em sociedade por meio da visão de gênero socialmente hegemônico” (SILVA, 2016, p. 109). Estes homens se vestem de mulher apenas para a brincadeira e se identificam como homens, vestindo-se como tal nas ações cotidianas fora do folguedo.

Há ainda os sujeitos que, ao representar o feminino, podem estar buscando uma maior semelhança com a mulher e até mesmo uma identificação psicológica, o que diz respeito a possíveis identidades de gênero como travestis ou mulheres transgênero. Sendo assim, as distintas travestilidades criam um cenário de coabitação, existindo, resistindo e se manifestando de maneiras diferentes.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Maria. **Viva Pareia!** - corpo, dança e brincadeira no Cavalo Marinho de Pernambuco. Recife: EDUFPE, 2013.

ALBERNAZ, Lady Selma. **Algumas dimensões de gênero no bumba meu boi maranhense: reafirmação da mulata brasileira?** Seminário Fazendo Gênero, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

AMARAL, Ivoneides Maria Batista do. **A performance cultural na dança dos mascarados.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, 2015.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **Folgedos e Danças de Pernambuco.** Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução Maria Helena. 2º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 2002

SILVA, Anderson Vicente da. **Travestilidade masculina no maracatu rural pernambucano: gênero, ritual e performance em Nazaré da Mata/PE.** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2016.

SOUZA, Rosely Tavares de. **Oh pisadinha boa: transformações e permanências no Cavalo Marinho Pernambucano entre os anos de 1960 e 2000.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Pós-graduação em História, 2013.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-377-4

